



Boletim Diário

Nº 05 15 de novembro de 2025

UNITED NATIONS CLIMATE CHANGE CONFERENCE

COP30 AMAZÔNIA

CUIDAR DO PLANETA PARA O FUTURO DA HUMANIDADE

BELÉM • BRASIL • 2025

Protesto Indígena Bloqueia Entrada Principal no 5º Dia da COP30

O quinto dia da COP30 começou com o seu segundo grande protesto — uma cena poderosa e inesperada: dezenas de pessoas indígenas Munduruku realizaram um protesto pacífico sentados na entrada principal, bloqueando o acesso antes da chegada de muitos delegados. Famílias e crianças estavam sentadas silenciosamente no chão diante de um portão metálico fechado, enquanto agentes fortemente armados aguardavam do outro lado — uma das imagens mais marcantes do cume até agora.

Na sua mensagem, os manifestantes declararam:

“Presidente Lula, queremos que nos escute. Recusamos ser sacrificados pelo agronegócio.”

O Presidente da COP30, André Corrêa do Lago, conversou diretamente com o grupo enquanto o protesto continuava.

Por volta das 9h, a UNFCCC alertou os participantes sobre o protesto e os direcionou para um portão lateral, causando longas filas sob o sol — um momento que obrigou muitos delegados a confrontar a urgência das reivindicações dos manifestantes. A entrada principal reabriu logo depois.



O que está acontecendo nas salas de negociação?



▪ **Negociações Climáticas Difíceis Continuam na COP30 enquanto os Países Lutam para Chegar a Acordo sobre Questões-Chave**

Os negociadores climáticos trabalharam até tarde da noite enquanto a COP30 entrava numa fase crítica, com os países ainda divididos em muitas questões importantes. Embora alguns acordos técnicos tenham sido alcançados — especialmente sobre apoio aos países mais pobres — a maioria das questões centrais sobre financiamento, cortes de emissões, adaptação, gênero e transição justa continuam sem resolução.

▪ **Financiamento: Países em Desenvolvimento Ainda Aguardam Clareza**

Mais uma vez, o financiamento climático dominou as tensões.

Os países mais pobres alertaram que não podem reduzir emissões nem proteger comunidades sem apoio confiável. Eles pediram maior foco nas obrigações dos países ricos. As nações desenvolvidas resistiram à criação de novas trilhas de negociação sobre financiamento, afirmando que já existem discussões demais.

As negociações sobre o Fundo de Perdas e Danos — criado para ajudar os países mais atingidos por inundações, tempestades e aumento do nível do mar — também sofreram divergências sobre a rapidez da liberação dos recursos e quem deveria ter acesso direto.

▪ **Mitigação: Desacordo sobre quão fortes devem ser os cortes de emissões**

Os esforços para reduzir as emissões globais — conhecidos como mitigação — revelaram diferenças profundas:

- Muitos países insistiram que o mundo deve manter vivo o objetivo de 1,5°C e pediram linguagem clara reconhecendo a ciência e a urgência dos cortes.
- Outros argumentaram que, como as temperaturas já alcançaram 1,5°C, não é realista basear tudo nesse número.
- Alguns países querem linguagem forte que vincule proteção florestal, desmatamento e agricultura; outros se opõem.
- Não houve acordo sobre se o Programa de Trabalho sobre Mitigação deve continuar de forma mais forte ou ser reduzido.

Em resumo: os países concordam que as emissões precisam cair — mas não sobre quão rápido, quão claramente ou em que condições.

▪ **Transição Justa: Trabalhadores Não Podem Ficar para Trás**

Um debate importante centrou-se em garantir que a ação climática seja justa para trabalhadores e comunidades.

Alguns países defenderam vincular a ideia de “transição justa” diretamente à trajetória de 1,5°C e à transição global longe dos combustíveis fósseis. Outros rejeitaram qualquer referência ao abandono dos combustíveis fósseis, afirmando que cada nação deve decidir o seu próprio caminho.

Representantes dos trabalhadores lembraram aos negociadores que milhões de empregos estão em jogo e pediram que o “trabalho decente” esteja no centro das políticas climáticas.



▪ Igualdade de Gênero: Nenhum Acordo Ainda

As discussões sobre gênero revelaram divisões persistentes.

Muitos países insistiram em garantir a participação plena, igual e significativa das mulheres em todas as decisões climáticas. Outros se opuseram à palavra “igual”, afirmando que os governos nacionais devem decidir a composição das delegações. Vários países africanos pediram reconhecimento específico para mulheres africanas e mulheres de ascendência africana.

As negociações continuaram sem compromisso final.

▪ Adaptação: Como Proteger as Pessoas dos Impactos Climáticos

Nas negociações climáticas em Belém (14 de novembro de 2025), os países estão discutindo a Meta Global de Adaptação (GGA) — um quadro para medir quão bem o mundo está se preparando para impactos climáticos já em curso, não apenas reduzindo emissões.

Áreas Focais Principais

1. Indicadores para acompanhar o progresso da adaptação

Os países estão desenvolvendo indicadores simples e mensuráveis para avaliar quão bem as sociedades estão se adaptando — de infraestruturas mais robustas a sistemas de saúde capazes de lidar com riscos climáticos.

2. Apoio aos países em desenvolvimento

Os países em desenvolvimento afirmam que precisam de financiamento, tecnologia e capacitação para se adaptarem. Eles querem que os indicadores reflitam este apoio.

Alguns pediram até triplicar o financiamento para adaptação até 2030.

3. Evitar transferência injusta de responsabilidades

Há preocupação de que alguns indicadores possam pressionar países pobres a provar quanto de seus próprios orçamentos dedicam à adaptação. Muitos argumentam que isso é injusto, dada a responsabilidade histórica das nações ricas.

4. Próximas etapas e cronogramas

- A lista de indicadores pode ser adotada em Belém, embora ainda precise de ajustes.
- É proposto um processo em duas etapas: 2025–2028 (testes), 2028–2030 (revisão e fortalecimento).
- Diálogos relacionados continuam sobre Planos Nacionais de Adaptação (NAPs).

Por que isso é importante para nós

- Adaptação diz respeito à vida real: proteger casas, alimentos, água e saúde enquanto inundações, secas, calor extremo e aumento do nível do mar se intensificam.
- Indicadores claros — acompanhados de apoio real — podem melhorar muito as chances das comunidades vulneráveis.
- Estas negociações decidem quão justo e transparente será o sistema: Quem recebe ajuda? Quem paga? Quem se beneficia?

O que observar

- Os indicadores serão adotados este ano — e refletirão realmente o apoio aos mais necessitados?
- Os países desenvolvidos oferecerão compromissos fortes de financiamento e tecnologia?
- As comunidades de base poderão usar estes marcos para acessar recursos de adaptação?

Estamos passando de dizer “precisamos nos adaptar” para decidir “como vamos medir e financiar a adaptação”.

Estas decisões influenciam diretamente quem recebe ajuda, como o progresso é monitorado e quão preparada está a população para um clima em mudança.

▪ O Caminho à Frente

Com muitas questões não resolvidas e o tempo se esgotando, aumenta a pressão por compromissos. Ministros entrarão em breve nas negociações, e há esperança de que sua presença ajude a romper o impasse.

Como disse uma jovem ativista:

“As pessoas fora destas salas não podem esperar. Precisamos de ação — não apenas palavras.”

▪ Um Exame de Realidade sobre Financiamento

A partir de dezembro, os países podem solicitar a primeira janela de subsídios de US\$250 milhões do novo fundo — parte dos US\$788 milhões prometidos até agora.

Mas isso é muito pouco comparado ao necessário: as mudanças climáticas causaram US\$2,8 trilhões em perdas e danos de 2000 a 2019 — cerca de US\$16 milhões por hora.

Conversas Esquentam em Belém enquanto Países Avaliam um Roteiro para Ir Além dos Combustíveis Fósseis

Um impulso silencioso está crescendo em Belém à medida que mais governos demonstram abertura para desenvolver um roteiro global para a transição além dos combustíveis fósseis — e alguns acreditam que a COP30 pode ser o lugar onde essa jornada começa oficialmente.

Numa sessão de alto nível na sexta-feira, Alice Amorim, diretora do programa da COP30, pediu paciência, mas enfatizou a importância de construir bases sólidas.

“Nem todos os resultados serão visíveis este ano”, disse ela. “Mas é importante ter um processo.”

Outros concordaram.

Jochen Flasbarth, Secretário de Estado alemão para Ação Climática, afirmou que há “potencial real para iniciar um processo”. Do Pacífico, o secretário climático de Fiji acrescentou que qualquer roteiro deve incluir um componente financeiro para apoiar os países vulneráveis.

Mas o impulso é desigual.

O Grupo Africano de Negociadores alertou que os países africanos ainda não têm uma posição unificada — e não devem ser pressionados a sacrificar suas necessidades de desenvolvimento.

Enquanto isso, novas conversas estão surgindo dentro da COP. Pela primeira vez, diplomatas discutem formalmente como deveria ser um sistema justo e sustentável para produzir minerais essenciais à transição energética. Esse reconhecimento aparece em um novo rascunho de texto divulgado na sexta-feira, embora não esteja claro se o tema permanecerá na decisão final no Programa de Trabalho da Transição Justa.

À medida que as negociações avançam, uma coisa fica clara: o mundo está se aproximando de definir como — e quão rápido — irá superar os combustíveis fósseis.

Uma Visão de um Trilhão de Dólares para a Proteção das Florestas Ganha Forma na COP30

As florestas — especialmente a Amazônia — estão ganhando grande destaque na COP30 enquanto o Brasil promove sua iniciativa principal, o Tropical Forest Forever Facility (TFFF). Diferente da ajuda tradicional, este novo fundo busca remunerar países pela proteção das florestas tropicais através de investimentos, alinhando-se ao crescente movimento para mobilizar capital privado para a ação climática.

Lançado pouco antes do cume, o TFFF surpreendeu ao garantir mais de US\$5,5 bilhões em promessas no primeiro dia — ainda muito abaixo da meta de US\$25 bilhões, mas considerado um forte sinal inicial do interesse dos investidores. Enquanto o Reino Unido recusou aderir por enquanto, o impulso cresce em outros lugares: o BERD, o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura e o Banco Europeu de Investimento estão considerando contribuir.

Celebração do 60º Aniversário da CIDSE em Belém

A **CIDSE — Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e a Solidariedade** — é uma rede global de organizações católicas de justiça social comprometida em defender a dignidade humana, promover a sustentabilidade ecológica e construir um mundo mais justo.

Durante seis décadas, reuniu agências da Igreja da Europa e além para enfrentar a pobreza, desafiar estruturas injustas e defender os direitos das comunidades vulneráveis — sempre enraizada na fé, solidariedade e mudança sistêmica.

Como parte de seu 60º aniversário, a CIDSE realizou uma celebração especial intitulada **“O Rio da Solidariedade: Um Chamado à Ação”** em 14 de novembro, no Auditório Amazônia, no edifício da CNBB em Belém. A imagem de um rio capturou o espírito do evento — simbolizando sessenta anos de força coletiva, unidade fluida e jornada conjunta rumo à justiça. Reunindo membros, parceiros e comunidades de fé participantes da COP30, a noite apresentou reflexões profundas, testemunhos e gestos simbólicos, como o lançamento de barcos de papel carregando as esperanças dos participantes para a próxima década.

A celebração terminou com um poderoso apelo coletivo instando governos e líderes globais a proteger a Amazônia, avançar a justiça climática e as reparações, e permanecer firmes ao lado das comunidades na linha de frente das crises ambientais e sociais.



Uma Breve Reflexão: A Missão da Igreja após o 5º Dia da COP30

O quinto dia da COP30 lembrou-nos de que a crise climática é, fundamentalmente, uma crise de justiça. O protesto pacífico dos Munduruku — enfrentando guardas armados apenas para serem ouvidos — revelou o rosto humano da crise climática. Por trás das negociações estão as mesmas perguntas urgentes: Quem é protegido? Quem paga o preço? Quem é deixado para trás?

Para a Igreja, o caminho é claro:

- Estar ao lado das comunidades vulneráveis — especialmente povos indígenas, mulheres e trabalhadores que buscam uma transição justa.
- Formar consciências para que as pessoas entendam que a mudança climática diz respeito à dignidade, sobrevivência e direitos.
- Exigir justiça climática como questão de fé, não de política.
- Viver o que pregamos, escolhendo práticas sustentáveis e apoiando os mais afetados.

Como o “rio da solidariedade” evocado no 60º aniversário da CIDSE, a Igreja é chamada a ampliar o fluxo de esperança, justiça e proteção para a nossa casa comum.

